

Os Escravos

Castro Alves

Índice:

----- 01.

A bainha do
punhal

02. A canção
do africano 03.

A criança

04. A cruz da estrada

05. A mãe do cativo

06. A órfã na sepultura

07. A visão dos mortos

08. Adeus, meu canto

09. América

10. Antítese

11. Ao romper d'alva

12. Bandido negro

13. Canção do violeiro

14. Confidência

15. Estrofes do solitário

16. Fábula - O pássaro e a flor
17. Frades
18. Jesuítas e frades
19. Lúcia
20. Manuela -
(Cantiga do racho)
21. Mater dolorosa
22. O canto de Bug Jargal
23. O derradeiro amor de Byron
24. O navio negreiro
25. O século
26. O sibarita romano
27. O sol e o povo
28. O vidente
29. Prometeu
30. Remorso
31. Saudação a Palmares
32. Súplica
33. Tragédia no lar

34. Vozes d'África

A bainha do punhal

(Fragmento)

Salve, noites do
Oriente, Noites
de beijos e
amor! Onde os
astros são
abelhas Do éter
na larga flor...
Onde pende a
meiga lua,
Como
cimitarra nua
Por sobre um
dólmã azul! E a
vaga dos
Dardanelos
Beija, em

lascivos anelos
As saudades
de 'Stambul.

Salve, serralhos
severos Como a
barba dum Paxá!
Zimbórios, que
fingem crânios
Dos crentes fiéis
de Alá! ...
Ciprestes que o
vento agita, Como
flechas de
Mesquita Esguios,
longos também;
Minaretes, entre
bosques!
Palmeiras, entre
os quiosques!
Mulheres nuas do
Harém!.

Mas embalde a
lua inclina As
loiras tranças
pra o chão
Desprezada
concubina, Já
não te adora o
sultão!

Debalde, aos
vidros pintados,
Aos balcões
arabescados,
Vais bater em
doudo afã...

Soam tímbalos
na sala...

E a dança
ardente resvala
Sobre os
tapetes do
Irã!...

A canção do africano

Lá na úmida senzala,
Sentado na estreita sala,
Junto ao braseiro,
no chão, Entoa o
escravo o seu
canto, E ao cantar
correm-lhe em
pranto Saudades
do seu torrão ...

De um lado, uma
negra escrava Os
olhos no filho
crava,
Que tem no colo
a embalar... E à
meia voz lá
responde

Ao canto, e o
filhinho esconde,
Talvez pra não o
escutar!

"Minha terra é lá
bem longe, Das
bandas de onde o
sol vem; Esta terra
é mais bonita,
Mas à outra eu quero bem!

"O sol faz lá
tudo em fogo,
Faz em brasa
toda a areia;
Ninguém sabe
como é belo Ver
de tarde a
papa-ceia!

"Aqueles terras
tão grandes,

Tão compridas
como o mar,
Com suas
poucas
palmeiras Dão
vontade de
pensar ...

"Lá todos vivem
felizes, Todos
dançam no
terreiro; A gente
lá não se vende
Como aqui, só
por dinheiro".

O escravo calou a fala,
Porque na úmida sala
O fogo estava a
apagar; E a
escrava acabou
seu canto, Pra

não acordar com
o pranto O seu
filhinho a sonhar!

.....

O escravo então
foi deitar-se, Pois
tinha de
levantar-se Bem
antes do sol
nascer, E se
tardasse,
coitado,
Teria de ser surrado,
Pois bastava escravo ser.

E a cativa desgraçada
Deita seu filho, calada,
E põe-se triste a
beijá-lo, Talvez
temendo que o

do não viesse,
em meio do sono,
De seus braços arrancá-lo!

A criança

*Que veux-tu, fleur, beau fruit, ou l'oiseau
merveilleux?
Ami, dit l'enfant grec, dit l'enfant aux yeux bleus,
Je veux de la poudre et des balles.
VICTOR HUGO (Les Orientales)*

Que tens criança? O areal da estrada
Luzente a cintilar
Parece a folha ardente de uma espada.
Tine o sol nas savanas. Morno é o vento.
À sombra do palmar
O lavrador se inclina sonolento.

É triste ver uma alvorada em sombras,
Uma ave sem cantar,
O veado estendido nas alfombras.
Mocidade, és a aurora da existência,

Quero ver-te brilhar.

Canta, criança, és a ave da inocência.

Tu choras porque um ramo de baunilha

Não pudeste colher,

Ou pela flor gentil da granadilha?

Dou-te, um ninho, uma flor, dou-te uma palma,

Para em teus lábios ver

O riso — a estrela no horizonte da alma.

Não. Perdeste tua mãe ao fero açoite

Dos seus algozes vis.

E vagas tonto a tatear à noite.

Choras antes de rir...

pobre criança!... Que

queres, infeliz?...

— Amigo, eu quero o ferro da vingança.

A cruz da estrada

Invideo quia quiescunt.

LUTHERO (Worms)

*Tu que passas,
descobre-te! Ali dorme
O forte que morreu.*
A. HERCULANO (Trad.)

Caminheiro que
passas pela estrada,
Seguindo pelo rumo
do sertão,
Quando vires a cruz
abandonada,
Deixa-a em paz
dormir na solidão.

Que vale o ramo do
alecrim cheiroso Que
lhe atiras nos braços
ao passar? Vais
espantar o bando
buliçoso
Das borboletas, que lá vão pousar.

É de um escravo humilde
sepultura, Foi-lhe a vida o
velar de insônia atroz.

Deixa-o dormir no leito de
verdura, Que o Senhor
dentre as selvas lhe
compôs.

Não precisa de ti. O gaturamo
Geme, por ele, à tarde, no sertão.
E a juriti, do taquaral no ramo,
Povoa, soluçando, a solidão.

Dentre os braços da cruz, a parasita,
Num abraço de flores, se prendeu.
Chora orvalhos a grama, que palpita;
Lhe acende o vaga-lume o facho seu.

Quando, à noite, o
silêncio habita as matas,
A sepultura fala a sós
com Deus.

Prende-se a voz na
boca das cascatas, E as
asas de ouro aos astros
lá nos céus.

Caminheiro! do escravo desgraçado
O sono agora mesmo começou!
Não lhe toques no leito de noivado,
Há pouco a liberdade o desposou.

A mãe do cativo

*Le Christ à Nazareth, atix
jours de son enfance Jouait
avec la croix, symbole de
sa mort; Mère du Polonais!
qu'il apprene d'avance A
combattre et braver les
outrages du Sort.*

*Qu'il couve dans son sein sa
colère et sa joie Qu'il ses*

*discours prudents distillent le
venin, Comme un aime obscur
que son coeur se reploie À
terre, à deux genoux, qu'il
rampe comme un nain*
(MICKIEWICZ - A Mãe Polaca)

Ó mãe do cativo! que
alegre balanças A rede
que ataste nos galhos
da selva! Melhor tu
farias se à pobre
criança Cavasses a
cova por baixo da
relva.

Ó mãe do cativo! que fias à noite
As roupas do filho na
choça da palha!
Melhor tu farias se ao
pobre pequeno
Tecesses o pano da

branca mortalha.

Misérrima! E ensinas ao
triste menino Que
existem virtudes e
crimes no mundo E
ensinas ao filho que seja
brioso, Que evite dos
vícios o abismo profundo
...

E louca, sacodes nesta
alma, inda em trevas, O
raio da espr'ança... Cruel
ironia! E ao pássaro
mandas voar no infinito,
Enquanto que o prende
cadeia sombria! ...

Ó Mãe! não despertes
est'alma que dorme, Com
o verbo sublime do Mártir
da Cruz! O pobre que rola
no abismo sem termo Pra
qu'há de sondá-lo... Que
morra sem luz.

Não vês no futuro seu negro fadário,
Ó cega divina que
cegas de amor?!
Ensina a teu filho -
desonra, misérias, A
vida nos crimes - a
morte na dor.

Que seja covarde... que
marche encurvado... Que
de homem se torne
sombrio reptíl. Nem core
de pejo, nem trema de

raiva Se a face lhe cortam
com o látigo vil.

Arranca-o do leito... seu
corpo habitue-se Ao frio
das noites, aos raios do
sol. Na vida - só
cabe-lhe a tanga
rasgada! Na morte - só
cabe-lhe o roto lençol.

Ensina-o que morda...
mas pérfido oculte-se
Bem como a serpente por
baixo da chã Que
impávido veja seus pais
desonrados, Que veja
sorrindo mancharem-lhe a
irmã.

Ensina-lhe as dores de
um fero trabalho...

Trabalho que pagam com
pútrido pão. Depois que
os amigos açoite no
tronco... Depois que
adormeça co'o sono de
um cão.

Criança - não trema dos
trances de um mártir!
Mancebo - não sonhe
delírios de amor! Marido -
que a esposa conduza
sorrindo Ao leito devasso
do próprio senhor! ...

São estes os cantos
que deves na terra Ao
mísero escravo
somente ensinar. Ó
Mãe que balanças a
rede selvagem
Que ataste nos troncos do vasto palmar.

III

Ó Mãe do cativo, que
fias à noite À luz da
candeia na choça de
palha! Embala teu filho
com essas cantigas...
Ou tece-lhe o pano da
branca mortalha.

A órfã na sepultura

Minha mãe, a noite é fria,
Desce a neblina sombria,
Geme o riacho no val
E a bananeira farfalha,
Como o som de uma mortalha
Que rasga o gênio do mal.

Não vês que noite cerrada?

Ouviste essa gargalhada
Na mata escura? ai de mim!
Mãe, ó mãe, tremo de medo.
Oh! quando enfim
teu segredo, Teu
segredo terá fim?

Foi ontem que à Ave-Maria
O sino da freguesia,
Me fez tanto soluçar.
Foi ontem que te calaste...
Dormiste . . os olhos fechaste...
Nem me fizeste rezar! ...

Sentei-me junto
ao teu leito,
'Stava tão frio o
teu peito, Que
eu fui o fogo
atiçar. Parece
que então me
viste Porque
dormindo

sorraste Como
uma santa no
altar.

Depois o fogo
apagou-se, Tudo
no quarto
calou-se, E eu
também calei-me
então. Somente
acesa uma vela
Triste, de cera
amarela, Tremia
na escuridão.

Apenas
nascera o
dia, À voz do
maridedia
Saltei contente de pé.
Cantavam os
passarinhos Que

fabricavam seus
ninhos No
telhado de sapé.

Porém tu, por
que dormias,
Por que já não
me dizias "Filha
do meu
coração?"
'Stavas aflita
comigo?
Mãe,
abraçei-me
contigo,
Pedi-te
embalde
perdão...

Chorei muito! ai
triste vida!
Chorei muito,

arrependida Do
que talvez fiz a
ti.

Depois rezei ajoelhada
A reza da madrugada
Que tantas vezes te ouvi:

"Senhor Deus, que
após a noite
"Mandas a luz do
arrebol, "Que
vestes a
esfarrapada "Com
o manto rico do
sol,

"Tu que dás à
flor o orvalho,
"Às aves o céu e
o ar,
"Que dás as
frutas ao galho,

"Ao desgraçado
o chorar;

"Que desfias diamantes
"Em cada raio de luz,
"Que espalhas
flores de estrelas
"Do céu nos
campos azuis;

"Senhor Deus, tu
que perdoas "A
toda alma que
chorou, "Como a
clícia das lagoas,
"Que a água da
chuva lavou;

"Faze da alma
da inocente "O
ninho do teu
amor,

"Verte o
orvalho da
virtude "Na
minha pequena
flor.

"Que minha
filha algum dia
"Eu veja livre e
feliz! ...

"Ó Santa Virgem Maria,
"Sê mãe da pobre infeliz."

Inda lembras-te! dizias,
Sempre que a
reza me ouvias
Em prantos de a
sufocar:

"Ai! têm
orvalhos as
flores, "Tu, filha
dos meus

amores, "Tens o
orvalho do
chorar".

Mas hoje sempre sisuda
Me ouviste...
ficaste muda,
Sorrindo não sei
pra quem. Quase
então que eu tive
medo... Parecia
que um segredo
Dizias baixinho a alguém.

Depois... depois...
me arrastaram...
Depois... sim... te
carregaram P'ra vir
te esconder aqui.
Eu sozinha lá na sala...
'Stava tão triste
a senzala...

Mãe, para
ver-te eu fugi...

E agora, ó Deus!...
se te chamo Não
me respondes!...
se clamo,
Respondem-me os
ventos suis... No
leito onde a rosa
medra Tu tens por
lençol a pedra, Por
travesseiro uma
cruz.

É muito estreito
esse leito? Que
importa? abre-me
teu peito — Ninho
infinito de amor.
— Palmeira —
quero-te a sombra.

— Terra — dá-me a
tua alfombra. —
Santo fogo — o teu
calor.

Mãe, minha voz já
me assusta...
Alguém na floresta
adusta
Repete os soluços meus.
Sacode a terra... desperta!...
Ou dá-me a mesma coberta'
Minha mãe... meu céu... meu Deus...

A visão dos mortos

*On rapporte encore
qu'un berger ayant été
introduit une fois par
un nain dans le
Hyffhaese, l'empereur
(Barberousse) se leva*

*et lui demanda si les
corbeaux volaient
encore autour de la
montagne. Et, sur la
réponse affirmative du
berger, il s'écria en
soupirant: il faut donc
que je dors encore
pendant cent ans!"*

H. HEINE (Allemagne)

Nas horas tristes que em
neblinas densas A terra
envolta num sudário
dorme, E o vento geme
na amplidão celeste -
Cúpula imensa dum
sepulcro enorme, - Um
grito passa despertando
os ares, Levanta as
lousas invisível mão. Os
mortos saltam,

poeirentos, lívidos. Da
lua pálida ao fatal clarão.
Do solo adusto do
africano Saara Surge
um fantasma com
soberbo passo, Presos
os braços, laureada a
fronte, Louco poeta,
como fora o Tasso.
Do sul, do norte... do
oriente irrompem
Dórias, Siqueiras e
Machado então. Vem
Pedro Ivo no cavalo
negro
Da lua pálida ao fatal clarão.

O Tiradentes sobre o
poste erguido Lá se
destaca das cerúleas
telas,, Pelos cabelos a
cabeça erguendo, Que

rola sangue, que
espadana estrelas. E o
grande Andrada, esse
arquiteto ousado, Que
amassa um povo na
robusta mão: O vento
agita do tribuno a toga
Da lua pálida ao fatal clarão.

A estátua range...
estremecendo move-se
O rei de bronze na
deserta praça. O povo
grita: Independência ou
Morte! Vendo soberbo o
Imperador, que passa.
Duas coroas seu cavalo
pisa,
Mas duas cartas ele traz na mão.
Por guarda de honra tem
dous povos livres, Da lua
pálida ao fatal clarão.

Então, no meio de um
silêncio lúgubre, Solta
este grito a legião da
morte: "Aonde a terra
que talhamos livre,
Aonde o povo que
fizemos forte?

Nossas mortalhas o
presente inunda No
sangue escravo, que
nodoa o chão.

Anchietas, Gracos, vós
dormis na orgia,
Da lua pálida ao fatal clarão.

"Brutus renega a tribunícia toga,
O apost'lo cospe no
Evangelho Santo, E o
Cristo - Povo, no
Calvário erguido, Fita
o futuro com sombrio

espanto.

Nos ninhos d'águias que
nos restam? - Corvos, Que
vendo a pátria se estorcer
no chão, Passam,
repassam, como alados
crimes, Da lua pálida ao
fatal clarão.

"Oh! é preciso inda
esperar cem anos... Cem
anos. . . " brada a legião
da morte. E longe, aos
ecos nas quebradas
trêmulas, Sacode o grito
soluçando, - o norte.
Sobre os corcéis dos
nevoeiros brancos Pelo
infinito a galopar lá vão...
Erguem-se as névoas
como pó do espaço Da
lua pálida ao fatal clarão.

Adeus, meu canto

I

Adeus, meu canto! É a
hora da partida... O
oceano do povo
s'encapela.

Filho da tempestade, irmão do raio,
Lança teu grito ao vento da procela.

O inverno envolto em
mantos de geada Cresta a
rosa de amor que além se
erguera...

Ave de arribação,
voa, anuncia Da
liberdade a santa
primavera.

É preciso partir, aos
horizontes Mandar o
grito errante da
vedeta. Ergue-te, ó
luz! — estrela para o
povo, — Para os
tiranos — lúgubre
cometa.

Adeus, meu canto! Na
revolta praça Ruge o
clarim tremendo da
batalha. Águia — talvez
as asas te espedacem,
Bandeira — talvez
rasgue-te a metralha.

Mas não importa a ti,
que no banquete O
manto sibarita não
trajaste —, Que se

louros não tens na
altiva fronte Também
da orgia a coroa
renegaste.

A ti que herdeiro duma
raça livre Tomaste o
velho arnês e a cota
d'armas; E no ginete
que escarvava os vales
A corneta esperaste dos
alarmas.

É tempo agora pra
quem sonha a glória E
a luta... e a luta, essa
fatal fornalha, Onde
referve o bronze das
estátuas, Que a mão
dos sec'los no futuro
talha ...

Parte, pois, solta livre
aos quatro ventos A
alma cheia das crenças
do poeta!... Ergue-te ó
luz! — estrela para o
povo, Para os tiranos
— lúgubre cometa.
Há muita virgem que ao
prostíbulo impuro A mão
do algoz arrasta pela
trança; Muita cabeça
d'ancião curvada,
Muito riso afogado de criança.

Dirás à virgem: — Minha
irmã, espera: Eu vejo ao
longe a pomba do
futuro. — Meu pai, dirás
ao velho, dá-me o fardo
Que atropela-te o passo
mal seguro ...

A cada berço levarás a crença.
A cada campa levarás o
pranto. Nos berços nus,
nas sepulturas rasas, —
Irmão do pobre —
viverás, meu canto.

E pendido através de
dois abismos, Com os
pés na terra e a fronte
no infinito, Traze a
bênção de Deus ao
cativeiro, Levanta a
Deus do cativeiro o
grito!

II

Eu sei que ao longe na praça,
Ferve a onda popular,

Que às vezes é pelourinho,
Mas poucas vezes — altar.
Que zombam do bardo atento,
Curvo aos murmúrios do vento
Nas florestas do existir,
Que babam fel e ironia
Sobre o ovo da utopia
Que guarda a ave do porvir.

Eu sei que o
ódio, o egoísmo,
A hipocrisia, a
ambição,
Almas escuras
de grutas, Onde
não desce um
clarão, Peitos
surdos às
conquistas,
Olhos fechados
às vistas, Vistas
fechadas à luz,
Do poeta solitário

Lançam pedras
ao calvário,
Lançam
blasfêmias à
cruz.

Eu sei que a
raça impudente
Do escriba, do
fariseu,
Que ao Cristo
eleva o patíbulo, A
fogueira a Galileu,
É o fumo da
chama vasta,
Sombra — que o
século arrasta,
Negra, torcida, a
seus pés; Tronco
enraizado no
inferno, Que se
arqueia escuro,

eterno, Das idades
através.

E eles dizem, reclinados
Nos festins de Baltasar:
"Que importuno é
esse que canta Lá
no Eufrate a
soluçar?

Prende aos ramos
do salgueiro A lira
do cativoiro,
Profeta da maldição,
Ou cingindo a
augusta fronte
Com as rosas
d'Anacreonte
Canta o amor e a
criação. . ."

Sim! cantar o
campo, as selvas,
As tardes, a

sombra, a luz;
Soltar su'alma com
o bando Das
borboletas azuis;
Ouvir o vento que geme,
Sentir a folha que treme,
Como um seio
que pulou, Das
matas entre os
desvios, Passar
nos antros
bravios Por
onde o jaguar
passou;

É belo... E já
quantas vezes Não
saudei a terra — o
céu, E o Universo
— Bíblia imensa
Que Deus no
espaço escreveu?¹

Que vezes nas
cordilheiras, Ao
canto das
cachoeiras, Eu
lancei minha
canção,
Escutando as ventanias
Vagas, tristes profecias
Gemerem na escuridão?! ...

Já também
amei as flores,
As mulheres, o
arrebol,
E o sino que chora triste,
Ao morno calor do sol.
Ouvi saudoso a viola,
Que ao
sertanejo
consola, Junto
à fogueira do
lar,
Amei a linda serrana,

Cantando a mole tirana,
Pelas noites de luar!
Da infância o
tempo fugindo
Tudo mudou-se
em redor. Um dia
passa em
minha'alma Das
cidades o rumor.
Soa a idéia,
soa o malho,
O ciclope do
trabalho
Prepara o raio do sol.
Tem o povo —
mar violento —
Por armas o
pensamento, A
verdade por farol.

E o homem,
vaga que nasce

No oceano
popular,
Tem que impelir
os espíritos, Tem
uma plaga a
buscar Oh!
maldição ao
poeta
Que foge —
falso profeta —
Nos dias de
provação!
Que mistura o
tosco iambo
Com o tírio
ditirambo
Nos poemas d'afflição! ...

"Trabalhar!"
brada na sombra
A voz imensa, de
Deus — "Braços!

voltai-vos pra
terra, Frontes
voltai-vos pros
céus!"

Poeta, sábio, selvagem,
Vós sois a santa
equipagem Da
nau da
civilização!

Marinheiro, — sobe
aos mastros, Piloto,
— estuda nos
astros, Gajeiro, —
olha a cerração!"

Uivava a negra tormenta
Na enxárcia, nos mastaréus.
Uivavam nos tombadilhos,
Gritos insontes de réus.
Vi a equipagem medrosa
Da morte à vaga horrorosa
Seu próprio irmão sacudir.
E bradei: — "Meu canto, voa,

Terra ao longe! terra à proa! ...
Vejo a terra do porvir!.. . . "

III

Companheiro da noite
mal dormida, Que a
mocidade vela
sonhadora, Primeira
folha d'árvore da vida.
Estrela que anuncia a
luz da aurora, Da
harpa do meu amor
nota perdida, Orvalho
que do seio se
evapora, É tempo de
partir... Voa, meu
canto, — Que tantas
vezes orvalhei de
pranto.

Tu foste a estrela
vésper que alumia Aos
pastores d'Arcádia nos
fraguedos! Ave que no
meu peito se aquecia
Ao murmúrio talvez dos
meus segredos. Mas
hoje que sinistra
ventania

Muge nas selvas, ruge
nos rochedos, Condor
sem rumo, errante, que
esvoaça, Deixo-te
entregue ao vento da
desgraça.

Quero-te assim; na
terra o teu fadário É
ser o irmão do escravo
que trabalha,
É chorar junto à cruz do

seu calvário, É bramar
do senhor na
bacanália... Se — vivo
— seguirás o itinerário,
Mas, se — morto —
rolares na mortalha,
Terás, selvagem filho da
floresta, Nos raios e
trovões hinos de festa.

Quando a piedosa,
errante caravana, Se
perde nos desertos,
peregrina, Buscando
na cidade
muçulmana, Do
sepulcro de Deus a
vasta ruína, Olha o sol
que se esconde na
savana Pensa em
Jerusalém, sempre
divina, Morre feliz,

deixando sobre a
estrada O marco
miliário duma ossada.

Assim, quando essa
turba horripilante,
Hipócrita sem fé,
bacante impura, Possa
curvar-te a fronte de
gigante, Possa
quebrar-te as malhas da
armadura, Tu deixarás
na liça o férreo guante
Que há de colher a
geração futura... Mas,
não... crê no porvir, na
mocidade, Sol brilhante
do céu da liberdade.

Canta, filho da luz da
zona ardente, Destes
cerros soberbos,

altanados! Emboca a
tuba lúgubre, estridente,
Em que aprendeste a
rebramir teus brados.

Levanta das orgias — o
presente, Levanta dos
sepulcros — o passado,
Voz de ferro! desperta as
almas grandes Do sul ao
norte... do oceano aos
Andes!!....

América

Acorda a pátria e vê que é pesadelo
O sonho da ignomínia
que ela sonha! Tomás
Ribeiro

À Tépidia sombra das
matas gigantes, Da
América ardente nos
pampas do Sul, Ao canto
dos ventos nas palmas

brilhantes, À luz
transparente de um céu
todo azul,

A filha das matas —
cabocla morena — Se
inclina indolente
sonhando talvez! A
frente nos Andes
reclina serena.

E o Atlântico humilde se estende a seus pés.

As brisas dos cerros
ainda lhe ondulam Nas
plumas vermelhas do
arco de avós, Lembrando
o passado seus seios
pululam, Se a onça
ligeira boliu nos cipós.

São vagas lembranças de
um tempo que teve!...

Palpita-lhe o seio por sob
uma cruz.

E em cisma doirada —
qual garça de neve — Sua
alma revolve-se em ondas
de luz.

Embalam-lhe os sonhos,
na tarde saudosa, Os
cheiros agrestes do vasto
sertão, E a triste
araponga que geme
chorosa E a voz dos
tropeiros em terna
canção.

Se o gênio da noite no espaço flutua
Que negros mistérios
a selva contém! Se a
ilha de prata, se a
pálida lua
Clareia o levante, que amores não tem!

Parece que os astros são
anjos pendidos Das
frouxas neblinas da
abóbada azul, Que miram,
que adoram ardentes,
perdidos, A filha morena
dos pampas do Sul.

Se aponta a alvorada por
entre as cascatas, Que
estrelas no orvalho que a
noite verteu! As flores são
aves que pousam nas
matas, As aves são flores
que voam no céu!

.....

Ó pátria, desperta... Não
curves a fronte Que

enxuga-te os prantos o
Sol do Equador. Não
miras na fímbria do vasto
horizonte A luz da
alvorada de um dia
melhor?

Já falta bem pouco.
Sacode a cadeia Que
chamam riquezas... que
nódoas te são! Não
manches a folha de tua
epopéia No sangue do
escravo, no imundo
balcão.

Sê pobre, que importa? Sê
livre... és gigante, Bem
como os condores dos
píncaros teus! Arranca
este peso das costas do
Atlante, Levanta o madeiro

dos ombros de Deus.

Antítese

O seu prêmio? — O
desprezo e uma
carta de alforria
quando tens gastas
as forças e não
pode mais ganhar a
subsistência.

Maciel Pinheiro

Cintila a festa nas salas!
Das serpentinas de prata
Jorram luzes em cascata
Sobre sedas e rubins.
Soa a orquestra ...
Como silfos Na
valsa os pares
perpassam, Sobre
as flores, que se
enlaçam Dos

tapetes nos coxins.

Entanto a névoa da noite
No átrio, na vasta rua,
Como um sudário flutua
Nos ombros da solidão.
E as ventanias errantes,
Pelos ermos
perpassando,
Vão se ocultar
soluçando Nos
antros da
escuridão.

Tudo é deserto.
. . somente À
praça em meio
se agita Dúbia
forma que
palpita,

Se estorce em

rouco estertor. —

Espécie de cão

sem dono

Desprezado na agonia,
Larva da noite sombria,
Mescla de trevas e horror.

É ele o escravo maldito,
O velho desamparado,
Bem como o cedro lascado,
Bem como o cedro no chão.
Tem por leito de agonias
As lájeas do pavimento,
E como único lamento

Passa rugindo o tufão.

Chorai, orvalhos da noite,
Soluçai, ventos errantes.
Astros da noite brilhantes
Sede os círios do infeliz!
Que o cadáver insepulto,
Nas praças abandonado,
É um verbo de luz, um brado
Que a liberdade prediz.

Ao romper D'alva

*Página feia, que ao
futuro narra Dos homens
de hoje a lassidão, a
história Com o pranto
escrita, com suor selada
Dos párias misérrimos
do mundo! ... Página
feia, que eu não possa
altivo Romper, pisar-te,*

recalcar, punir-te...

PEDRO CALASANS

Sigo só
caminhando serra
acima, E meu
cavalo a galopar se
anima Aos bafos da
manhã.

A alvorada se eleva
do levante, E, ao
mirar na lagoa seu
semblante, Julga ver
sua irmã.

As estrelas fugindo
aos nenufares,
Mandam rútilas
pérolas dos ares De
um desfeito colar.
No horizonte
desvendam-se as
colinas, Sacode o véu

de sonhos de neblinas
A terra ao despertar.

Tudo é luz, tudo
aroma e murmúrio. A
barba branca da
cascata o rio Faz
orando tremer.

No descampado o
cedro curva a frente,
Folhas e prece aos pés
do Onipotente Manda a
lufada erguer.

Terra de Santa Cruz,
sublime verso Da
epopéia gigante do
universo, Da imensa
criação.

Com tuas matas,
ciclopes de verdura,
Onde o jaguar, que

passa na espessura,
Roja as folhas no chão;

Como és bela,
soberba, livre, ousada!
Em tuas cordilheiras
assentada A liberdade
está.

A púrpura da bruma, a
ventania Rasga,
espedaça o cetro que
s'erguia
Do rijo piquiá.

Livre o tropeiro toca o lote e canta
A lânguida cantiga
com que espanta A
saudade, a aflição.
Solto o ponche, o
cigarro fumegando
Lembra a serrana
bela, que chorando

Deixou lá no sertão.

Livre, como o tufão,
corre o vaqueiro
Pelos morros e
várzea e tabuleiro
Do intrincado cipó.
Que importa'os dedos da
jurema aduncos? A anta,
ao vê-los, oculta-se nos
juncos, Voa a nuvem de
pó.

Dentre a flor amarela das encostas
Mostra a testa luzida,
as largas costas No
rio o jacaré.
Catadupas sem freios,
vastas, grandes, Sois a
palavra livre desses
Andes
Que além surgem de pé.

Mas o que vejo? É um
sonho!... A barbaria
Erguer-se neste séc'lo, à
luz do dia. Sem pejo se
ostentar.

E a escravidão — nojento crocodilo
Da onda turva expulso lá do Nilo —
Vir aqui se abrigar! ...

Oh! Deus! não ouves dentre
a imensa orquestra Que a
natureza virgem manda em
festa Soberba, senhoril,
Um grito que soluça aflito, vivo,
O retinir dos ferros do cativo,
Um som discorde e vil?

Senhor, não deixes que
se manche a tela Onde
traçaste a criação mais
bela De tua inspiração.

O sol de tua glória foi toldado...
Teu poema da
América manchado,
Manchou-o a
escravidão.

Prantos de sangue —
vagas escarlates —
Toldam teus rios —
lúbricos Eufrates Dos
servos de Sião.
E as palmeiras se torcem
torturadas, Quando
escutam dos morros nas
quebradas O grito de
aflição.

Oh! ver não posso
este labéu maldito!
Quando dos livres
ouvirei o grito?
Sim... talvez amanhã.

Galopa, meu cavalo,
serra acima!
Arranca-me a este
solo. Eia! te anima
Aos bafos da manhã!

Bandido negro

*Corre, corre, sangue do cativo
Cai, cai, orvalho de sangue
Germina, cresce,
colheita vingadora A
ti, segador a ti. Está
madura.*

Aguça tua foice, aguça, aguça tua foice.
(E. SUE - Canto dos filhos de Agar)

Trema a terra de susto
aterrada... Minha égua
veloz, desgrenhada,
Negra, escura nas
lapas voou. Trema o

céu ... ó ruína! ó
desgraça! Porque o
negro bandido é quem
passa, Porque o negro
bandido bradou:

Cai, orvalho de
sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face
do algoz. Cresce,
cresce, seara
vermelha, Cresce,
cresce, vingança
feroz.

Dorme o raio na
negra tormenta...
Somos negros... o
raio fermenta
Nesses peitos
cobertos de horror.
Lança o grito da

livre coorte,
Lança, ó vento,
pampeiro de morte,
Este guante de ferro
ao senhor.

Cai, orvalho de
sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face
do algoz. Cresce,
cresce, seara
vermelha, Cresce,
cresce, vingança
feroz.

Eia! ó raça que nunca
te assombras! Pra o
guerreiro uma tenda
de sombras Arma a
noite na vasta
amplidão. Sus! pulula
dos quatro horizontes,

Sai da vasta cratera
dos montes, Donde
salta o condor, o
vulcão.

Cai, orvalho de
sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face
do algoz.

Cresce, cresce,
seara vermelha,
Cresce, cresce,
vingança feroz.

E o senhor que na
festa descanta Pare
o braço que a taça
alevanta, Coroadas
de flores azuis.

E murmure,
julgando-se em
sonhos: "Que
demônios são estes

medonhos, Que lá
passam famintos e
nus?"

Cai, orvalho de
sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face
do algoz.

Cresce, cresce,
seara vermelha,
Cresce, cresce,
vingança feroz.

Somos nós, meu senhor,
mas não tremas, Nós
quebramos as nossas
algemas Pra pedir-te as
esposas ou mães. Este é
o filho do ancião que
mataste. Este - irmão da
mulher que manchaste...
Oh! não tremas, senhor,

são teus cães.

Cai, orvalho de
sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face
do algoz.

Cresce, cresce,
seara vermelha,
Cresce, cresce,
vingança feroz.

São teus cães, que têm
frio e têm fome, Que há
dez séc'los a sede
consume... Quero um
vasto banquete feroz...
Venha o manto que os
ombros nos cubra. Para
vós fez-se a púrpura
rubra, Fez-se a manto
de sangue pra nós.

Cai, orvalho de
sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face
do algoz.

Cresce, cresce,
seara vermelha,
Cresce, cresce,
vingança feroz.

Meus leões africanos, alerta!
Vela a noite... a
campina é deserta.
Quando a lua
esconder seu clarão
Seja o bramo da
vida arrancado No
banquete da morte
lançado
Junto ao corvo, seu lúgubre irmão.

Cai, orvalho de

sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face
do algoz.

Cresce, cresce,
seara vermelha,
Cresce, cresce,
vingança feroz.

Trema o vale, o
rochedo escarpado,
Trema o céu de
trovões carregado,
Ao passar da rajada
de heróis,
Que nas éguas fatais
desgrenhadas Vão
brandindo essas
brancas espadas, Que
se amolam nas campas
de avós.

Cai, orvalho de

sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face
do algoz.

Cresce, cresce,
seara vermelha,
Cresce, cresce,
vingança feroz

Canção do violeiro

Passa, ó vento
das campinas,
Leva a canção do
tropeiro. Meu
coração 'stá
deserto, 'Stá
deserto o mundo
inteiro. Quem viu
a minha senhora
Dona do meu
coração?

Chora, chora na viola,

Violeiro do sertão.

Ela foi-se ao pôr
da tarde Como as
gaivotas do rio.
Como os orvalhos
que descem Da
noite num beijo
frio,
O cauã canta
bem triste,
Mais triste é
meu coração.

Chora, chora na viola,
Violeiro do sertão.

E eu disse: a
senhora volta
Com as flores da
sapucaia. Veio o
tempo, trouxe as

flores, Foi o
tempo, a flor
desmaia.

Colhereira, que
além voas, Onde
está meu
coração?

Chora, chora na viola,
Violeiro do sertão.

Não quero mais esta vida,
Não quero mais esta terra.
Vou procurá-la bem longe,
Lá para as bandas da serra.
Ai! triste que eu sou escravo!
Que vale ter coração?

Chora, chora na viola,
Violeiro do sertão.

Confidência

*Maldição sobre vós, doutores da
lei! Maldição sobre vós,
hipócritas!*

*Assemelhais-vos aos
sepulcros brancos por
fora; o exterior parece
formoso, mas o interior
está cheio de ossos e
podridão.*

EVANGELHO DE SÃO MATEUS, cap. XXII.

Quando, Maria, vês
de minha fronte
Negra idéia voando
no horizonte,
as asas desdobrar,
Triste segues então
meu pensamento,
Como fita o barqueiro
de Sorrento As nuvens
ao luar.

E tu me dizes, pálida inocente,
Derramando uma lágrima tremente,
Como orvalho de dor:
"Por que sofres? A
selva tem odores, "O
céu tem astros, os
vergéis têm flores,
"Nossas almas o amor".

Ai! tu vês nos teus
sonhos de criança A
ave de amor que o ramo
da esperança Traz no
bico a voar;
E eu vejo um negro
abutre que esvoaça,
Que co'as garras a
púrpura espedaça Do
manto popular.

Tu vês na onda a flor

azul dos campos,
Donde os astros,
errantes pirilampos, Se
elevam para os céus;
E eu vejo a noite borbulhar
das vagas E a consciência
é quem me aponta as
plagas Voltada para Deus.

Tua alma é como as
veigas sorrentinas
Onde passam
gemendo as cavatinas
Cantadas ao luar.
A minha — eco do
grito, que soluça,
Grito de toda dor que
se debruça
Do lábio a soluçar.

É que eu escuto o
sussurrar de idéias, O

marulho talvez das
epopéias,
Em torno aos mausoléus,
E me curvo no túm'lo das idades
— Crânios de pedra,
cheios de verdades E
da sombra de Deus.
E nessas horas julgo
que o passado Dos
túmulos a meio
levantado
Me diz na solidão:
"Que és tu, poeta? A
lâmpada da orgia, "Ou
a estrela de luz, que os
povos guia "À nova
redenção?"

Ó Maria, mal sabes o fadário
Que o moço bardo
arrasta solitário Na
impotência da dor.

Quando vê que
debalde à liberdade
Abriu sua alma - urna
da verdade Da
esperança e do
amor! ...

Quando vê que uma
lúgubre coorte Contra
a estátua (sagrada
pela morte) Do grande
imperador,
Hipócrita, amotina a população,
Que morde o bronze,
como um cão de caça No
seu louco furor! ...

Sem poder esmagar a iniquidade
Que tem na boca
sempre a liberdade,
Nada no coração;
Que ri da dor cruel de

mil escravos, —
Hiena, que do túmulo
dos bravos, Morde a
reputação! ...

Sim... quando vejo, ó
Deus, que o sacerdote As
espáduas fustiga com o
chicote Ao cativo infeliz;
Que o pescador das
almas já se esquece
Das santas pescarias e
adormece Junto da
meretriz...

Que o apóstolo, o
símplice romeiro, Sem
bolsa, sem sandálias,
sem dinheiro, Pobre
como Jesus,
Que mendigava outrora à caridade
Pagando o pão com o
pão da eternidade,

Pagando o amor com a
luz,

Agora adota a escravidão por filha,
Amolando nas páginas da Bíblia
O cutelo do algoz...
Sinto não ter um raio
em cada verso Para
escrever na fronte do
perverso: "Maldição
sobre vós!"

Maldição sobre vós, tribuno falso!
Rei, que julgais que o
negro cada falso É dos
tronos o irmão!
Bardo, que a lira prostituís na orgia
— Eunuco incensador da tirania —
Sobre ti maldição!

Maldição sobre tí, rico devasso,
Que da música, ao

lânguido compasso,
Embriagado não vês
A criança faminta que na rua
Abraça u'a mulher pálida e nua,
Tua amante... talvez!...

Maldição! ... Mas que
importa?... Ela espedaça
Acaso a flor olente que se
enlaça
Nas c'roas festivas?
Nodoa a veste rica ao sibarita?
Que importam cantos, se
é mais alta a grita Das
loucas bacanais?

Oh! por isso, Maria, vês, me curvo
Na face do presente escuro e turvo
E interrogo o porvir;
Ou levantando a voz por
sobre os montes, —
"Liberdade", pergunto aos
horizontes, Quando enfim

hás de vir?"

Por isso, quando vês
as noites belas, Onde
voa a poeira das
estrelas

E das constelações,
Eu fito o abismo que a
meus pés fermenta, E
onde, como santelmos
da tormenta, Fulgem
revoluções!...

Estrofes do solitário

Basta de covardia! A hora soa...
Voz ignota e fatídica revoa,
Que vem... Donde? De Deus.
A nova geração rompe da terra,
E, qual Minerva
armada para a guerra,
Pega a espada... olha

os céus.

Sim, de longe, das raias do futuro,
Parte um grito, pra — os
homens surdo, obscuro Mas
para - os moços, não!
É que, em meio das lutas da cidade,
Não ouvis o clarim da Eternidade,
Que troa n'amplidão!
Quando as praias se
ocultam na neblina, E
como a garça, abrindo a
asa latina, Corre a
barca no mar,
Se então sem freios se
despenha o norte, É
impossível — parar...
volver — é morte Só lhe
resta marchar.

E o povo é como - a barca
em plenas vagas, A tirania

- é o tremedal das plagas,
O porvir - a amplidão.
Homens! Esta lufada que rebenta
É o furor da mais
lôbrega tormenta. . -
Ruge a revolução.

E vós cruzais os
braços... Covardia! E
murmurais com fera
hipocrisia:
— É preciso esperar...
Esperar? Mas o quê?
Que a populaça, Este
vento que os tronos
despedaça, Venha
abismos cavar?

Ou quereis, como o
sátrapa arrogante, Que o
porvir, n'ante-sala, espere
o instante Em que o

deixeis subir?!

Oh! parai a avalanche,
o sol, os ventos, O
oceano, o condor, os
elementos... Porém
nunca o porvir!

Meu Deus! Da negra
lenda que se inscreve
Co'o sangue de um Luís,
no chão da Grève, Não
resta mais um som!...

Em vão nos deste, pra maior lembrança,
Do mundo - a Europa, mas
d'Europa - a França. Mas da
França - um Bourbon!

Desvario das fronte coroadas!
Na página das púrpuras rasgadas
Ninguém mais estudou!
E no sulco do tempo,
em balde dorme A

cabeça dos reis -
semente enorme Que
a multidão plantou! ...

No entanto fora belo nesta idade
Desfraldar o
estandarte da
igualdade, De Byron
ser o irmão...

E pródigo - a esta Grécia brasileira,
Legar no testamento -
uma bandeira, E ao
mundo - uma nação.

Soltar ao vento a
inspiração de Graco
Envolver-se no manto
de 'Spartaco,
Dos servos entre a grei;
Lincoln - o Lázaro acordar de novo,
E da tumba da ignomínia
erguer um povo, Fazer

de um verme - um rei!

Depois morrer - que a
vida está completa, - Rei
ou tribuno, César ou
poeta,

Que mais quereis depois?

Basta escutar, do fundo lá da cova,
Dançar em vossa lousa a raça nova
Libertada por vós ...

Fábula - O pássaro e a flor

Era num dia sombrio

Quando um

pássaro erradio

Veio parar num

jardim.

Aí fitando uma rosa,

Sua voz triste e

saudosa,

Pôs-se a

improvisar

assim.

"ó Rosa, ó

Rosa bonita!

Ó Sultana

favorita

Deste serralho de azul:

Flor que vives

num palácio,

Como as

princesas de

Lácio, Como as

filhas de

'Stambul.

Corno és feliz!

Quanto eu dera

Pela eterna

primavera

Que o teu

castelo

contém... Sob o

cristal abrigada,
Tu nem sentes
a geada Que
passa raivosa
além.

Junto às
estátuas de
pedra Tua vida
cresce, medra,
Ao fumo dos
narguillés, No
largo vaso da
China Da
porcelana mais
fina
Que vem do Império Chinês.

O Inverno ladra
na rua,
Enquanto
adormeces nua

Na estufa até de
manhã. Por
escrava - tens a
aragem
O sol - é teu
louro pajem.
Tu és dele - a
castelã.

Enquanto que eu
desgraçado,
Pelas chuvas
ensopado, Levo o
tempo a viajar,
- Boêmio da
média idade,
Vou do castelo
à cidade, Vou
do mosteiro ao
solar!

Meu capote roto e

pobre Mal os
meus ombros
encobre Quanto à
gorra... tu bem
vês! ... Ai! meu
Deus! se Rosa
fora Como eu
zombaria agora
Dos louros dos
menestréis!. . .

.....

Então por entre
a folhagem Ao
passarinho
selvagem A rosa
assim
respondeu:
"Cala-te, bardo
dos bosques! Ai!
não troques os
quiosques Pela

cúpula do céu.

Tu não sabes
que delírios
Sofrem as
rosas e os lírios
Nesta dourada
prisão.

Sem falar com
as violetas.

Sem beijar as
borboletas,

Sem as auras
do sertão.

Molha-te a fria geada...

Que importa? A loura alvorada

Virá beijar-te amanhã.

Poeta, romperás logo,

A cada beijo de fogo,

Na cantilena louça.

Mas eu?! Nas salas brilhantes
Entre as tranças deslumbrantes

A virgem me enlaçará
Depois cadáver de rosa
A valsa vertiginosa
Por sobre mim rolará.

Vai, Poeta... Rompe os ares
Cruza a serra, o vale, os mares
Deus ao chão não te amarrou!
Eu calo-me - tu descansas,
Eu rojo - tu te levantas,
Tu és livre - escrava eu sou! ...

Frades

*Mel in ore, verba lactis,
Fel in corde, fraus in factis.*

Mas a mão que assim tece o
linho aos pés da Glória? Como
Hércules também esmaga a
hidra... E depois de aspergir o
tum'lo dos heróis

Pega de Juvenal na vergasta feroz
E os monges hodiernos
açoita sem piedade Como
o Divino Mestre o fez na
antiguidade!...

Jesuítas e frades

Que o mundo antigo s'erga
e lance a maldição Sobre
vós... lembrando a
negra Inquisição, A hidra
escura e vil da vil
Teocracia,
O Santo Ofício, as provas, o
azeite, a gemonia ... Lisboa,
Tours, Sevilha e Nantes na
tortura, Na fogueira Grandier,
João Huss na sepultura,
Colombo a soluçar, a gemer
Galileu...
De mil autos-da-fé o fumo
enchendo o céu... Que a

maldição vos lance a pena do
Gaulês Tendo por tinta a borra
das caldeiras de pez... Que o
Germano a sangrar maldiz em
férreos hinos.

É justo! . . .

A História cega, aqueitando o estilete
Nas brasas que apagar não
pôde o Guadalete, Tem jus
de vos marcar com o ferro
do labéu, Como queima o
carrasco o ombro nu do réu
...

Mas enquanto existir o
grande, o novo mundo, Ó
Filhos de Jesus!... um
cântico profundo Irá vos
embalar do sepulcro no
solo...

A América por vós
reza de pólo a pólo!
Dizei-o, vós, dizei,
Tamoios, Guaranis,
Iroqueses, Tapuias, Incas, e Tupis...

A santa abnegação, o
heroísmo, a doçura, O
amor paternal, a
castidade pura
Destes homens que
vinham, envoltos no burel,
A derramar dos lábios o
amor — divino mel, O
perdão — óleo santo, a fé
— mística luz, E o Deus da
caridade - o pródigo Jesus!
...

Oh! não! Mil vezes não! O
poeta Americano Vos
deve sepultar no verso

soberano

— Pano negro que tem
por lágrimas de prata As
lágrimas que a Musa
inspirada desata!!!

Se aqui houve cativos — eles
os libertaram. Se aqui houve
selvagens — eles os
educaram. Se aqui houve
fogueiras — eles nelas
sofreram. Se lá carrascos
foram — cá mártires
morreram. Em vez do
Inquisidor — tivemos a
vedeta. Loiola — aqui foi
Nóbrega, Arbues — foi
Anchieta!

Oh! Não! Mil vezes não! O
poeta Americano Vos deve
amortalhar no verso

soberano — Pano negro
que tem por lágrimas de
prata As lágrimas que a
musa inspirada desata!...

Lúcia

poema

Na formosa estação da primavera
Quando o mato se
arreia mais festivo, E
o vento campesino
bebe ardente
O agreste aroma da floresta virgem...
Eu e Lúcia, corríamos — crianças —
Na veiga, no pomar, na cachoeira,
Como um casal de
colibris travessos Nas
laranjeiras que o
Natal enflora.

Ela era a cria mais formosa
e meiga Que jamais, na
Fazenda, vira o dia ...
Morena, esbelta, airosa...
eu me lembrava Sempre
da corça arisca dos
silvados Quando via-lhe os
olhos negros, negros Como
as plumas noturnas da
graúna, Depois... quem
mais mimosa e mais
alegre?... Sua boca era um
pássaro escarlate Onde
cantava festival sorriso.
Os cabelos caíam-lhe anelados
Como doudos festões de
parasitas... E a graça... o
modo... o coração tão
meigo?!...

Ai! Pobre Lúcia... como tu sabias,

Festiva, encher de
afagos a família, Que
te queria tanto e que
te amava Como se
fosses filha e não
cativa... Tu eras a
alegria da fazenda;
Tua senhora ria-se, contente
Quando enlaçavas seus
cabelos brancos Co'as
roxas maravilhas da
campina. E quando à
noite todos se juntavam,
Aos reflexos doirados da
candeia,

Na grande sala em
torno da fogueira,
Então, Lúcia, sorrindo
eu murmurava: "Meu
Deus! um beija-flor
fez-se criança... Uma

criança fez-se
mariposa!"

Mas um dia a miséria,
a fome, o frio, Foram
pedir um pouso nos
teus lares...

A mesa era pequena...

Pobre Lúcia! Foi
preciso te ergueres do
banquete Deixares teu
lugar aos mais
convivas...

Eu me lembro... eu me
lembro... O sol raiava.
Tudo era festa em volta da
pousada... Cantava o galo
alegre no terreiro,
O mugido das vacas misturava-se
Ao relincho das
éguas que corriam

De crinas soltas pelo
campo aberto
Aspirando o frescor
da madrugada.

Pela última vez ela chorando
Veio sentar-se ao
banco do terreiro...
Pobre criança! que
conversas tristes Tu
conversaste então
co'a natureza.

"Adeus! pra sempre,
adeus, ó meus amigos,
Passarinhos do céu,
brisas da mata, Patativas
saudosas dos coqueiros,
Ventos da várzea, fontes
do deserto! ... Nunca mais
eu virei, pobres violetas,
Vos arrancar das moitas

perfumadas, Nunca mais
eu irei risonha e louca
Roubar o ninho do sabiá
choroso... Perdoai-me que
eu parto para sempre!
Venderam para longe a
pobre Lúcia!..."

Então ela apanhou do
mato as flores Como
outrora enlaçou-as nos
cabelos, E rindo de chorar
disse em soluços: "Não te
esqueças de mim que te
amo tanto..."

Depois além, um grupo,
informe e vago, Que
cavalgava o dorso da
montanha, Ia
esconder-se,
transmontando o topo. .

.

Neste momento eu vi,
longe... bem longe,
Ainda se agitar um lenço
branco...
Era o lencinho tremulo de Lúcia...

epílogo

Muitos anos correram
depois disto ... Um
dia nos sertões eu
caminhava
Por uma estrada
agreste e solitária,
Diante de mim ua
mulher seguia,
— Co' o cântaro à cabeça
— pés descalços, Co'os
ombros nus, mas pálidos
e magros ...

Ela cantava, com uma voz extinta,
Uma cantiga triste e
compassada ... E eu
que a escutava
procurava, em balde,
Uma lembrança juvenil e
alegre
Do tempo em que
aprendera aqueles
versos... De repente,
lembrei-me. . . "Lúcia!
Lúcia!" ... A mulher se
voltou ... fitou-me pasma,
Soltou um grito. . . e, rindo
e soluçando, Quis para
mim lançar-se, abrindo os
braços. ... Mas súbito
estacou ... Nuvem de
sangue Corou-lhe o rosto
pálido e sombrio ... Cobriu
co'a mão crispada a face

rubra Como escondendo
uma vergonha eterna ...
Depois, soltando um grito,
ela sumiu-se Entre as
sombras da mata ... a
pobre Lúcia!

Manuela -

(Cantiga do

rancho)

Companheiros! já

na serra

Erra.

A tropa inteira a
pastar...
Tropeiros! ...
junto à candeia
Eia!
Soltemos nosso trovar ...

Té que as
barras do
Oriente Rente
Saíam dos
montes de lá...
Cada qual sua
cantiga
Diga
Aos ecos do Sincorá.

No rancho as
noites se escoam.
Voam,
Quando geme o
trovador... Ouvi,

pois! que esta
guitarra... Narra
O meu

romance de

amor.

.....

.....

Manuela era formosa
Rosa,
Rosa aberta no sertão...
Com seu torço
adamascado

Dado
Ao sopro da viração.

Provocante,
mas esquivada,
Viva
Como um doudo
beija-flor...
Manuela - a
moreninha
Tinha
Em cada peito um amor ...

Inda agora
quando o vento
Lento
Traz-me
saudades de
então Parece
que a vejo ainda
Linda
Do fado no turbilhão

Vejo-lhe o pé
resvalando
Brando
No fandango a
delirar. Inda ao
som das
castanholas
Rolas
Diante do meu olhar ...

Manuela...
mesmo agora
Chora
Minh'alma
Pensando em
ti... E na viola
relembro
Lembro
Tiranas que então gemi.

"Manuela, Manuela

Bela
Como tu ninguém luziu...
Minha
travessa
morena, Pena
Pena tem de quem te viu!...

Manuela... Eu
não perjuro!
Juro
Pela luz dos
olhos teus...
Morrer por ti
Manuela
Bela,
Se esqueces os sonhos meus.

Por teus
sombrios
olhares - Mares
Onde eu me
afogo de amor...

Pelas tranças
que desatas -
Matas
Cheias de aroma e frescor ...

Pelos peitos que
entre rendas
Vendas
Com medo que os
vão roubar... Pela
perna que no frio
Rio
Pude outro dia enxergar ...

Por tudo que
tem a terra,
Serra,
Mato, rio,
campo e
céu... Eu te
juro, Manuela,
Bela

Que serei cativo teu ...

Tu bem sabes que Maria,

Fria

É pra outros,

não pra mim...

Que morrem

Lúcia, Joana E

Ana

Aos sons do meu bandolim ...

Mas tu és um

passarinho -

Ninho

Fizeste no peito

meu ... Eu sou

a boca - és o

canto Tanto

Que sem ti não canto eu.

Vamos pois A

noite cresce

Desce
A lua a beijar a flor
À sombra dos
arvoredos
Ledos
Os ventos choram de amor

Vamos pois ó
moreninha
Minha
Minha
esposa ali
serás Ao vale
a relva tapiza
Pisa
Serão teus Paços-reais!

Por padre uma
árvore vasta
Basta!
Por igreja - o
azul do céu...

Serão as
brancas
estrelas - Velas
Acesas pra o himeneu".
Assim nos
tempos
perdidos Idos
Eu cantava mas em vão
Manuela, que me ouvia,
Ria,
Casta flor da solidão!

Companheiros!
se inda agora
Chora
Minha viola a gemer,
É porque um
dia... Escutai-me
Dai-me
Sim! dai-me antes que beber! . . .

É que um dia
mas bebamos

Vamos

No copo afogue-se a dor!

Manuela, Manuela,

Bela,

Fez-se amante do senhor!

Mater dolorosa

Deixa-me murmurar

à tua ali adeus

eterno, em vez de lá

chorar sangue,

chorar o sangue!

meu coração sobre

meu filho; tu deves

morrer, meu filho, tu

deves morrer.

NATHANIEL LEE

Meu Filho, dorme,

dorme o sono eterno

No berço imenso, que

se chama - o céu. Pede

às estrelas um olhar
materno, Um seio
quente, como o seio
meu.

Ai! borboleta, na
gentil crisálida, As
asas de ouro vais
além abrir. Ai! rosa
branca no matiz tão
pálida, Longe, tão
longe vais de mim
florir.

Meu filho, dorme
Como ruge o norte
Nas folhas secas do
sombrio chão! Folha
dest'alma como dar-te
à sorte? É tredo,
horrível o feral tufão!

Não me maldigas... Num
amor sem termo Bebi a
força de matar-te a mim
Viva eu cativa a
soluçar num ermo
Filho, sê livre... Sou
feliz assim...

- Ave - te espera da
lufada o açoite, -
Estrela - guia-te uma
luz falaz. - Aurora
minha - só te aguarda
a noite, - Pobre
inocente - já maldito
estás.

Perdão, meu filho... se
matar-te é crime Deus
me perdoa... me
perdoa já. A fera

enchente quebraria o
vime... Velem-te os
anjos e te cuidem lá.

Meu filho dorme...
dorme o sono eterno
No berço imenso, que
se chama o céu.
Pede às estrelas um
olhar materno, Um
seio quente, como o
seio meu.

O canto de Bug Jargal

(Traduzido de V. HUGO)

Por que foges de mim?
Por que, Maria? E
gelas-te de medo, se me
escutas? Ah! sou bem

formidável na verdade,
Sei ter amor, ter dores e
ter cantos! Quando,
através das palmas dos
coqueiros Tua forma
desliza aérea e pura,
Ó Maria, meus olhos
se deslumbram, Julgo
ver um espírito que
passa.

E se escuto os acentos
encantados, Que em
melodia escapam de
teus lábios, Meu
coração palpita em meu
ouvido Misturando um
queixoso murmúrio De
tua voz à lânguida
harmonia.

Ai! tua voz é mais doce
do que o canto Das
aves que no céu

vibram as asas, E que
vem no horizonte lá da
pátria. Da pátria onde
era rei, onde era livre!
Rei e livre, Maria! e
esqueceria
Tudo por ti... esqueceria tudo
— A família, o dever,
reino e vingança Sim,
até a vingança! ...
ainda que cedo Tenha
enfim de colher este
acre fruto, Acre e doce
que tarde amadurece.

.....
Ó Maria, pareces a palmeira
Bela, esvelta,
embalada pelas
auras. E te miras no
olhar de teu amante
Como a palmeira
n'água transparente.

Porém ... sabes? Às
vezes há no fundo Do
deserto o uragã que
tem ciúmes Da fonte
amada... e arroja-se e
galopa. O ar e a areia
misturando turvos
Sob o vôo pesado de suas asas.
Num turbilhão de fogo,
árvore e fonte
Envolve... e seca a
límpida vertente, Sente
a palmeira a um hálito
de morte Crespar-se o
verde circ'lo da
folhagem, Que tinha a
majestade de uma
c'roa E a graça de uma
solta cabeleira.

.....

Oh! treme, branca
filha de Espanhola,
Treme, breve talvez
tenhas em torno O
uragã e o deserto.
Então, Maria,
Lamentarás o amor
que hoje pudera Te
conduzir a mim, bem
como o kata — Da
salvação o pássaro
ditoso —

Através das areias africanas
Guia o viajante lânguido à cisterna.
E por que enjeitas
meu amor? Escuta:
Eu sou rei, minha
fronte se levanta
Sobre as frentes de todos.
Ó Maria, Eu sei que és
branca e eu negro, mas

precisa O dia unir-se à
noite feia, escura,
Para criar as tardes e as auroras,
Mais belas do que a luz, mais do que as trevas!
O derradeiro amor de Byron

*Ét, puisque tôt ou tard
l'amour humain s'oublie, Il
est d'une grande âme et
d'un heureux destin?
D'aspirer comme toi pour un
amour divin!* ALFRED DE
MUSSET

I

Num desses dias em
que o Lord errante
Resvalando em coxins
de seda mole... A
laureada e pálida
cabeça

Sentia-lhe embalar essa condessa,
Essa lânguida e bela Guiccioli ...

II

Nesse tempo feliz...
em que Ravena Via
cruzar o Child
peregrino,
Dos templos ermos
pelo claustro frio... Ou
longas horas meditar
sombrio
No túmulo de Dante — o Gibelino...

III

Quando aquela mão
régia de Madona
Tomava aos ombros
essa cruz insana...

E do Giaour o lúgubre segredo,
E esse crime indizível do Manfredo
Madornavam aos pés da Italiana ...

IV

Numa dessas manhãs... Enquanto a moça
Sorrindo-lhe dos beijos ao ressábio,
Cantava como uma ave ou uma criança...
Ela sentiu que um riso de esperança
Abria-lhe do amante lábio a lábio...

V

A esperança! A esperança no precito!
A esperança nesta alma agonizante!
E mais lívida e branca do que a cera
Ela disse a tremer: — "George, eu quisera
Saber qual seja... a vossa nova amante".

VI

— "Como o sabes? . . . " —

"Confessas?" — "Sim! confesso. . . "

— "E o seu nome. . . " —

"Qu'importa?" — "Fala Alteza!. . . " —

"Que chama douda teu olhar espalha,

És ciumenta?. . . " - "Mylord, eu sou de Itália!"

— "Vingativa?. . . " - "Mylord, eu sou Princesa!. . . "

VII

— "Queres saber então
qual seja o arcanjo Que
inda vem m'enlevar o ser
corruto? O sonho que os
cadáveres renova,

O amor que o Lázaro
arrancou da cova O
ideal de Satã?. . . " —

"Eu vos escuto!"

VIII

— "Olhai, Signora... além
dessas cortinas, O que
vedes? . . . " — "Eu vejo a
imensidade! . . . " - "E eu vejo.
.. a Grécia... e sobre a plaga
errante Uma virgem
chorando..." — "É vossa
amante?..." — "Tu disseste-o,
Condessa!" É a Liberdade!!!. .
."

O Navio Negreiro (Tragédia no mar)

'Stamos em pleno mar...
Doudo no espaço Brinca
o luar — dourada
borboleta;
E as vagas após ele
correm... cansam

Como turba de
infantes inquieta.

'Stamos em pleno mar...

Do firmamento Os astros
saltam como espumas de
ouro... O mar em troca
acende as ardentias,

— Constelações do líquido tesouro...

'Stamos em pleno mar...

Dois infinitos Ali se
estreitam num abraço
insano, Azuis, dourados,
plácidos, sublimes...

Qual dos dous é o céu?
qual o oceano?...

'Stamos em pleno mar. . .

Abrindo as velas Ao
quente arfar das virações
marinhas, Veleiro brigue
corre à flor dos mares,

Como roçam na vaga as
andorinhas...

Donde vem? onde vai? Das
naus errantes Quem sabe o
rumo se é tão grande o
espaço? Neste saara os
corcéis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não
deixam traço.

Bem feliz quem ali pode nest'hora
Sentir deste painel a majestade!
Embaixo — o mar em cima
— o firmamento... E no
mar e no céu — a
imensidade!

Oh! que doce harmonia
traz-me a brisa! Que
música suave ao longe
soa!

Meu Deus! como é
sublime um canto ardente
Pelas vagas sem fim
boiando à toa!

Homens do mar! ó
rudes marinheiros,
Tostados pelo sol dos
quatro mundos!
Crianças que a
procela acalentara
No berço destes

pélagos profundos!

Esperai! esperai!

deixai que eu beba

Esta selvagem, livre poesia,
Orquestra — é o mar,
que ruge pela proa, E o
vento, que nas cordas
assobia...

.....

.....

Por que foges
assim, barco ligeiro?
Por que foges do
pálido poeta?
Oh! quem me dera
acompanhar-te a esteira
Que semelha no mar —
doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! águia
do oceano, Tu que

dormes das nuvens entre
as gazas, Sacode as
penas, Leviathan do
espaço, Albatroz!
Albatroz! dá-me estas
asas.

II

Que importa do nauta o berço,
Donde é filho, qual seu lar?
Ama a cadência do verso
Que lhe ensina o velho mar!
Cantai! que a morte é divina!
Resvala o brigue à bolina
Como golfinho veloz.
Presa ao mastro da mezena
Saudosa bandeira acena
As vagas que deixa após.

Do Espanhol as cantilenas
Requebradas de langor,

Lembram as moças morenas,
As andaluzas em flor!

Da Itália o filho indolente

Canta Veneza

dormente, —

Terra de amor e

traição, Ou do

golfo no regaço

Relembra os

versos de Tasso,

Junto às lavas do

vulcão!

O Inglês —

marinheiro frio,

Que ao nascer no

mar se achou,

(Porque a

Inglaterra é um

navio, Que Deus

na Mancha

ancorou), Rijo

entoa pátrias
glórias,
Lembrando,
orgulhoso, histórias
De Nelson e de
Aboukir.. . O
Francês —
predestinado —
Canta os louros do
passado E os
loureiros do porvir!

Os
marinheiros
Helenos, Que
a vaga jônia
criou,
Belos piratas morenos
Do mar que
Ulisses cortou,
Homens que
Fídias talhara,

Vão cantando em
noite clara
Versos que
Homero gemeu...
Nautas de todas
as plagas, Vós
sabeis achar nas
vagas As
melodias do
céu!...

III

Desce do espaço imenso, ó
águia do oceano! Desce mais
... inda mais... não pode olhar
humano Como o teu
mergulhar no brigue voador!
Mas que vejo eu aí... Que
quadro d'amarguras! É
canto funeral! ... Que
tétricas figuras! ...

Que cena infame e vil... Meu Deus!

Meu Deus! Que horror! IV

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...

E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais ...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...

Presa nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira,
outro enlouquece,
Outro, que martírios
embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão
manda a manobra, E
após fitando o céu que
se desdobra, Tão puro
sobre o mar,
Diz do fumo entre os
densos nevoeiros:
"Vibrai rijo o chicote,

marinheiros!

Fazei-os mais dançar!..."

E ri-se a orquestra

irônica, estridente. . . E

da ronda fantástica a

serpente

Faz doudas espirais...

Qual um sonho dantesco

as sombras voam!...

Gritos, ais, maldições,

preces ressoam! E ri-se

Satanás!...

V

Senhor Deus dos desgraçados!

Dizei-me vós, Senhor Deus!

Se é loucura... se é verdade

Tanto horror perante os céus?!

Ó mar, por que não apagas

Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

Quem são estes
desgraçados Que
não encontram em
vós Mais que o rir
calmo da turba
Que excita a fúria
do algoz? Quem
são? Se a estrela
se cala, Se a vaga
à pressa resvala
Como um cúmplice
fugaz, Perante a
noite confusa...
Dize-o tu, severa
Musa,
Musa libérrima, audaz!...

São os filhos do
deserto, Onde a
terra esposa a luz.
Onde vive em
campo aberto A
tribo dos homens
nus... São os
guerreiros
ousados Que com
os tigres
mosqueados
Combatem na
solidão.
Ontem simples,
fortes, bravos.
Hoje míseros
escravos,
Sem luz, sem ar, sem razão...

São mulheres
desgraçadas,

Como Agar o foi
também. Que
sedentas,
alquebradas, De
longe... bem
longe vêm...
Trazendo com
tíbios passos,
Filhos e algemas
nos braços,
N'alma —
lágrimas e fel...
Como Agar
sofrendo tanto,
Que nem o leite
de pranto Têm
que dar para
Ismael.

Lá nas areias infindas,
Das palmeiras no país,
Nasceram
crianças lindas,
Viveram moças

gentis...

Passa um dia a
caravana,
Quando a virgem
na cabana Cisma
da noite nos véus
... ..Adeus, ó
choça do monte,
...Adeus,
palmeiras da
fonte!... ..Adeus,
amores...
adeus!...

Depois, o areal
extenso...

Depois, o
oceano de pó.

Depois no
horizonte imenso
Desertos...
desertos só... E a

fome, o cansaço,
a sede... Ai!
quanto infeliz que
cede, E cai p'ra
não mais
s'erguer!... Vaga
um lugar na
cadeia, Mas o
chacal sobre a
areia Acha um
corpo que roer.

Ontem a Serra Leoa,
A guerra, a
caça ao leão,
O sono
dormido à toa
Sob as tendas
d'amplidão! Hoje...
o porão negro,
fundo, Infecto,
apertado, imundo,

Tendo a peste por
jaguar... E o sono
sempre cortado
Pelo arranco de um
finado, E o baque
de um corpo ao
mar...

Ontem plena liberdade,
A vontade por poder...
Hoje... cúm'lo de maldade,
Nem são livres p'ra morrer. .
Prende-os a mesma corrente
— Férrea, lúgubre serpente —
Nas roscas da escravidão.
E assim zombando da morte,
Dança a lúgubre coorte
Ao som do açoute... Irrisão!...

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus,
Se eu deliro... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus?!...

Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
Do teu manto este borrão?
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!...

VI

Existe um povo que a
bandeira empresta P'ra
cobrir tanta infâmia e
cobardia!... E deixa-a
transformar-se nessa
festa Em manto impuro
de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas
que bandeira é esta, Que
impudente na gávea
tripudia?
Silêncio. Musa... chora,

e chora tanto Que o
pavilhão se lave no teu
pranto!... Auriverde
pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do
sol encerra E as
promessas divinas da
esperança... Tu que, da
liberdade após a
guerra, Foste hasteado
dos heróis na lança
Antes te houvessem
roto na batalha, Que
servires a um povo de
mortalha!...

Fatalidade atroz que a
mente esmaga! Extingue
nesta hora o brigue
imundo O trilho que
Colombo abriu nas

vagas, Como um íris no
pélago profundo! Mas é
infâmia demais! ... Da
etérea plaga
Levantai-vos, heróis do
Novo Mundo! Andrada!
arranca esse pendão
dos ares! Colombo!
fecha a porta dos teus
mares!

O século

Soldados, do, alto
daquelas pirâmides
quarenta séculos vos
contemplam!
NAPOLEÃO

O século é grande e forte.
V. HUGO

Da mortalha de seus bravos

Fez bandeira a tirania
Oh! armas talvez o povo
Deseus ossos faça um dia

J. BONIFÁCIO

O séc'lo é grande... No espaço
Há um drama de
treva e luz.

Como o Cristo —
a liberdade

Sangra no poste
da Cruz. Um
corvo escuro,
anegrado,

Obumbra o
manto azulado,
Das asas d'águia
dos céus...

Arquejam peitos
e fronte... Nos
lábios dos
horizontes Há
um riso de luz...

É Deus.

Às vezes
quebra o
silêncio Ronco
estrídulo, feroz.
Será o rugir das matas,
Ou da plebe a
imensa voz?...
Treme a terra hirta
e sombria. . . São
as vascas da
agonia Da
liberdade no
chão?... Ou do
povo o braço
ousado Que, sob
montes calcado,
Abala-os como um
Titão?! ...

Ante esse

escuro

problema Há
muito irônico rir.

Pra nós o vento
da esp'rança
Traz o pólen do
porvir.

E enquanto o
cepticismo

Mergulha os
olhos no abismo,
Que a seus pés
raivando tem,
Rasga o moço os
nevoeiros, Pra
dos morros
altaneiros Ver o
sol que irrompe
além.

Toda noite —
tem auroras,

Raios — toda a
escuridão.

Moços,
creiamos, não
tarda

A aurora da redenção.

Gemer — é
esperar um
canto... Chorar -
aguardar que o
pranto Faça-se
estrela nos céus.

O mundo é o
nauta nas vagas...

Terá do oceano as
plagas

Se existem justiça e Deus.

No entanto inda
há muita noite No
mapa da criação.

Sangra o abutre — tirano
Muito cadáver — nação.

Desce a Polônia esvaída,
Cataléptica, adormida,
À tumba do Sobieski;
Inda em sonhos
busca a espada ...
Os reis passam sem
ver nada ... E o Czar
olha e sorri...

Roma inda tem
sobre o peito O
pesadelo dos
reis!
A Grécia
espera
chorando
Canaris...
Byron talvez!
Napoleão amordaça
A boca da população
E olha Jersey com terror;
Como o filho de Sorrento,
Treme ao fitar

um momento O
Vesúvio
aterrador.

A Hungria é como
um cadáver Ao
relento exposto
nu;

Nem sequer a
abriga a sombra
Do foragido
Kossuth.

Aqui — o México ardente,
— Vasto filho
independente
Da liberdade e
do sol —
Jaz por terra...
e lá soluça
Juarez, que se
debruça
E diz-lhe: "Espera o arrebol!"

O quadro é negro.
Que os fracos
Recuem cheios de
horror. A nós,
herdeiros dos
Gracos, Traz a
desgraça — valor!
Lutai... Há uma
lei sublime Que
diz: "À sombra
do crime Há de a
vingança
marchar." Não
ouvis do Norte
um grito, Que
bate aos pés do
infinito, Que vai
Franklin
despertar?

É o grito dos Cruzados

Que brada aos
moços — "De pé!"
É o sol das
liberdades
Que espera por Josué! ...
São bocas de mil
escravos Que
transformaram-se
em bravos Ao cinzel
da abolição.
E — à voz dos
libertadores —
Reptis saltam
condores,
A topetar n'amplidão!...

E vós, arcas do futuro,
Crisálidas do porvir,
Quando vosso
braço ousado
Legislações
construir,

Levantai um templo
novo, Porém não
que esmague o
povo, Mas lhe seja
o pedestal.

Que ao menino
dê-se a escola, Ao
veterano — uma
esmola... A todos
— luz e fanal!

Luz!... sim; que a
criança é uma ave,
Cujo porvir tendes
vós;

No sol — é uma
águia arrojada, Na
sombra — um
mocho feroz.

Libertai tribunas,
prelos ...

São fracos,

mesquinhos
elos... Não
calqueis o
povo-rei!

Que este mar
d'almas e peitos,
Com as vagas de
seus direitos, Virá
partir-vos a lei.

Quebre-se o
cetro do Papa,
Faça-se dele —
uma cruz!

A púrpura sirva ao povo
Pra cobrir os ombros nus,
Que aos gritos do Niagara
— Sem escravos,
— Guanabara Se
eleve ao fulgor dos
sóis!

Banhem-se em luz

os prostíbulos, E
das lascas dos
patíbulos
Erga-se a estátua aos heróis!

Basta!... Eu sei
que a mocidade É
o Moisés no Sinai;
Das mãos do
Eterno recebe
As tábuas da lei!
— Marchai!
Quem cai na luta
com glória,
Tomba nos
braços da
História, No
coração do Brasil!
Moços, do topo dos Andes,
Pirâmides vastas, grandes,
Vos contemplan séc'los mil!

O sibarita romano

Este olhar, estes lábios, estas rugas
exprimem uma sede impaciente e
impossível de saciar.

Quer e não pode.

Sente o desejo e a
impaciência.

LAVATER

Escravo, dá-me a c'roa de
amaranto Que mandou-me
inda há pouco Afra
impudente. Orna-me a
fronte... Enrola-me os
cabelos, Quero o mole
perfume do Oriente.

Lança nas chamas
dessa etrusca pira O

nardo trescalante de
Medina.

Vem... desenrola aos
pés do meu triclínio As
felpas de uma colcha
bizantina.

Oh! tenho tédio...
Embalde, ao pôr da tarde,
Pelas nereidas louras
embalado,
Vogo em minha galera ao
som das harpas, Da
cortesã nos seios
recostado.

Debalde, em meu
palácio altivo, imenso,
De mosaicos brilhantes
embutido,
Nuas, volvem as filhas do Oriente
No morno banho em termas de porfido.

Só amo o circo... a
dor, gritos e flores, A
pantera, o leão de
hirsuta coma;
Onde o banho de
sangue do universo
Rejuvenesce a
púrpura de Roma.

E o povo rei — na vítima do mundo
Palpa as entranhas que
inda sangue escorrem, E
ergue-se o grito extremo
dos cativos: — Ave, Cesar!
saúdam-te os que morrem!

Escravo, quero um
canto... Vibra a lira, De
Orfeu desperta a fibra
dolorida,
Canta a volúpia das
bacantes nudas, Fere o

hino de amor que
inflama a vida.

Doce, como do Himeto o
mel dourado, Puro como
o perfume... Escravo
insano! Teu canto é o
grito rouco das
Eumênides, Sombrio
como um verso de
Lucano.

Quero a ode de amor
que o vento canta Do
Palatino aos flóreos
arvoredos.

Quero os cantos de
Nero... Escravo infame,
Quebras as cordas nos
convulsos dedos!

Deixa esta lira! como o

tempo é longo! Insano!
insano! que tormento
sinto!

Traze o louro falerno transparente
Na mais custosa taça de Corinto.

Pesa-me a vida!... está
deserto o Forum! E o
tédio!... o tédio!... que
infernai idéia!

Dá-me a taça, e do
ergástulo das servas
Tua irmã trar-me-ás, —
a grega Haidéia!

Quero em seu seio...
Escravo desgraçado, A
este nome tremeu-te o
braço exangue? Vê...
Manchaste-me a toga
com o falerno, Irás
manchar o Coliseu com o

sangue!...

O sol e o povo

*Le peuple a sa colére et
le volcan sa lave. V.*

HUGO

*Ya desatado
El horrendo
huracán silba
contigo ¿ Qué
muralla, qué abrigo
Bastaran contra ti?
M. QUINTANA*

O sol, do espaço Briaréu
gigante, P'ra escalar a
montanha do infinito,
Banha em sangue as
campinas do levante.

Então em meio dos
Saarás — o Egito
Humilde curva a fronte e
um grito errante Vai
despertar a Esfinge de
granito.

O povo é como o sol!
Da treva escura
Rompe um dia co'a
destra iluminada,
Como o Lázaro, estala
a sepultura!...
Oh! temei-vos da turba esfarrapada,
Que salva o berço à geração futura,
Que vinga a campa à geração passada.

O vidente

*Virá o dia da felicidade
para todos.*

(ISAÍAS)

Às vezes quando à tarde, nas
tardes brasileiras, A cisma e a
sombra descem das altas
cordilheiras; Quando a viola
acorda na choça o sertanejo
E a linda lavadeira cantando
deixa o brejo, E a noite - a
freira santa - no órgão das
florestas Um salmo preludia
nos troncos, nas giestas; Se
acaso solitário passo pelas
picadas,
Que torcem-se escamosas nas
lapas escarpadas, Encosto
sobre as pedras a minha
carabina, Junto a meu cão, que
dorme nas sarças da colina, E,
como uma harpa eólia entregue
ao tom dos ventos - Estranhas
melodias, estranhos

pensamentos, Vibram-me as
cordas d'alma enquanto absorto
cismo, Senhor! vendo tua
sombra curvada sobre o
abismo, Colher a prece alada, o
canto que esvoaça E a lágrima
que orvalha o lírio da desgraça,
Então, num santo êxtase,
escuto a terra e os céus. E o
vácuo se povoa de tua sombra,
ó Deus!

Ouç o cantar dos astros no
mar do firmamento; No mar
das matas virgens ouço o
cantar do vento, Aromas que
s'elevam, raios de luz que
descem,
Estrelas que despontam,
gritos que se esvaecem,
Tudo me traz um canto de
imensa poesia,

Como a primícia augusta da
grande profecia; Tudo me
diz que o Eterno, na idade
prometida, Há de beijar na
face a terra arrependida.

E, desse beijo santo, desse
ósculo sublime Que lava a
iniquidade, a escravidão e o
crime, Hão de nascer
virentes nos campos das
idades, Amores,
esperanças, glórias e
liberdades!

Então, num santo êxtase,
escuto a terra e os céus, O
vácuo se povoa de tua
sombra, ó Deus!

E, ouvindo nos espaços as louras utopias
Do futuro cantarem as doses melodias,
Dos povos, das idades, a
nova promessa... Me

arrasta ao infinito a águia
da inspiração ... Então me
arrojo ousado das eras
através,
Deixando estrelas, séculos,
volverem-se a meus pés...
Porque em minh'alma sinto ferver
enorme grito, Ante o estupendo
quadro das telas do infinito... Que
faz que, em santo êxtase, eu veja
a terra e os céus, E o vácuo
povoado de tua sombra, ó Deus!

Eu vejo a erra livre... como
outra Madalena, Banhando a'
fronte pura na viração serena,
Da urna do crepúsculo, verter
nos céus azuis Perfumes,
luzes, preces, curvada aos pés
da cruz... No mundo - tenda
imensa da humanidade inteira
Que o espaço tem por teto, o

sol tem por lareira, Feliz se
aquece unida a universal
família.

Oh! dia sacrossanto em
que a justiça brilha, Eu vejo
em ti das ruínas vetustas
do passado, O velho
sacerdote augusto e
venerado

Colher a parasita - a santa flor - o culto,
Como o coral brilhante do
mar na vasa oculto... Não
mais inunda o templo a vil
superstição;

A fé - a pomba mística - e
a águia da razão, Unidas
se levantam do vale
escuro d'alma, Ao ninho
do infinito voando em
noite calma.

Mudou-se o férreo cetro, esse
aguilhão dos povos, Na virga

do profeta coberta de
renovos.

E o velho cadafalso
horrendo e corcovado,
Ao poste das idades por
irrisão ligado

Parece embalde tenta cobrir
com as mãos a fronte, -
Abutre que esqueceu que o
sol vem no horizonte. Vede: as
crianças louras aprendem no
Evangelho A letra que
comenta algum sublime velho,
Em toda a fronte há luzes, em
todo o peito amores, Em todo
o céu estrelas, em todo o
campo flores ... E, enquanto,
sob as vinhas, a ingênua
camponesa Enlaça às negras
tranças a rosa da deveza; Dos
saaras africanos, dos gelos da
Sibéria,

Do Cáucaso, dos campos dessa
infeliz Ibéria, Dos mármore
lascados da terra santa
homérica, Dos pampas, das
savanas desta soberba América
Prorrompe o hino livre, o hino do
trabalho! E, ao canto dos
obreiros, na orquestra audaz do
malho, O ruído se mistura da
imprensa, das idéias, Todos da
liberdade forjando as epopéias,
Todos co'as mãos calosas,
todos banhando a fronte Ao sol
da independência que irrompe
no horizonte.

Oh! escutai! ao longe vago
rumor se eleva Como o trovão
que ouviu-se quando na escura
treva, O braço onipotente rolou
Satã maldito.

É outro condenado ao raio do infinito,
É o retumbar por terra desses
impuros paços, Desses
serralhos negros, desses
Egeus devassos, Saturnos de
granito, feitos de sangue e
ossos... Que bebem a
existência do povo nos
destroços ...

.....

Enfim a terra é livre! Enfim lá do Calvário
A águia da liberdade, no imenso itinerário,
Voa do Calpe brusco às cordilheiras grandes,
Das cristas do Himalaia aos píncaros dos Andes!
Quebraram-se as cadeias, é livre a terra inteira,
A humanidade marcha com a Bíblia por
bandeira-.
São livres os escravos... quero empunhar a lira,
Quero que est'alma ardente um canto audaz
desfira,
Quero enlaçar meu hino aos murmúrios dos
ventos,
Às harpas das estrelas, ao mar, aos elementos!

.....

Mas, ai! longos gemidos de míseros cativos,
Tinidos de mil ferros, soluços convulsivos,
Vêm-me bradar nas sombras, como fatal vedeta:
"Que pensas, moço triste? Que sonhas tu,
poeta?"

Então curvo a cabeça de raios carregada,
E, atando brônzea corda à lira amargurada,
O canto de agonia arrojo à terra, aos céus,
E ao vácuo povoado de tua sombra, ó Deus!

Prometeu

*Ó mon auguste mère, et vous enveloppe de
la commune lumière, divin éther, voyez quels
injustes tourments on me fait souffrir.*

*Qui compatit à cette grande souffrance, qui
s'approche du rocher désert où se tord
Prométhée? Quelques pauvres filles, pieds
nus.*

ÉSQUILO